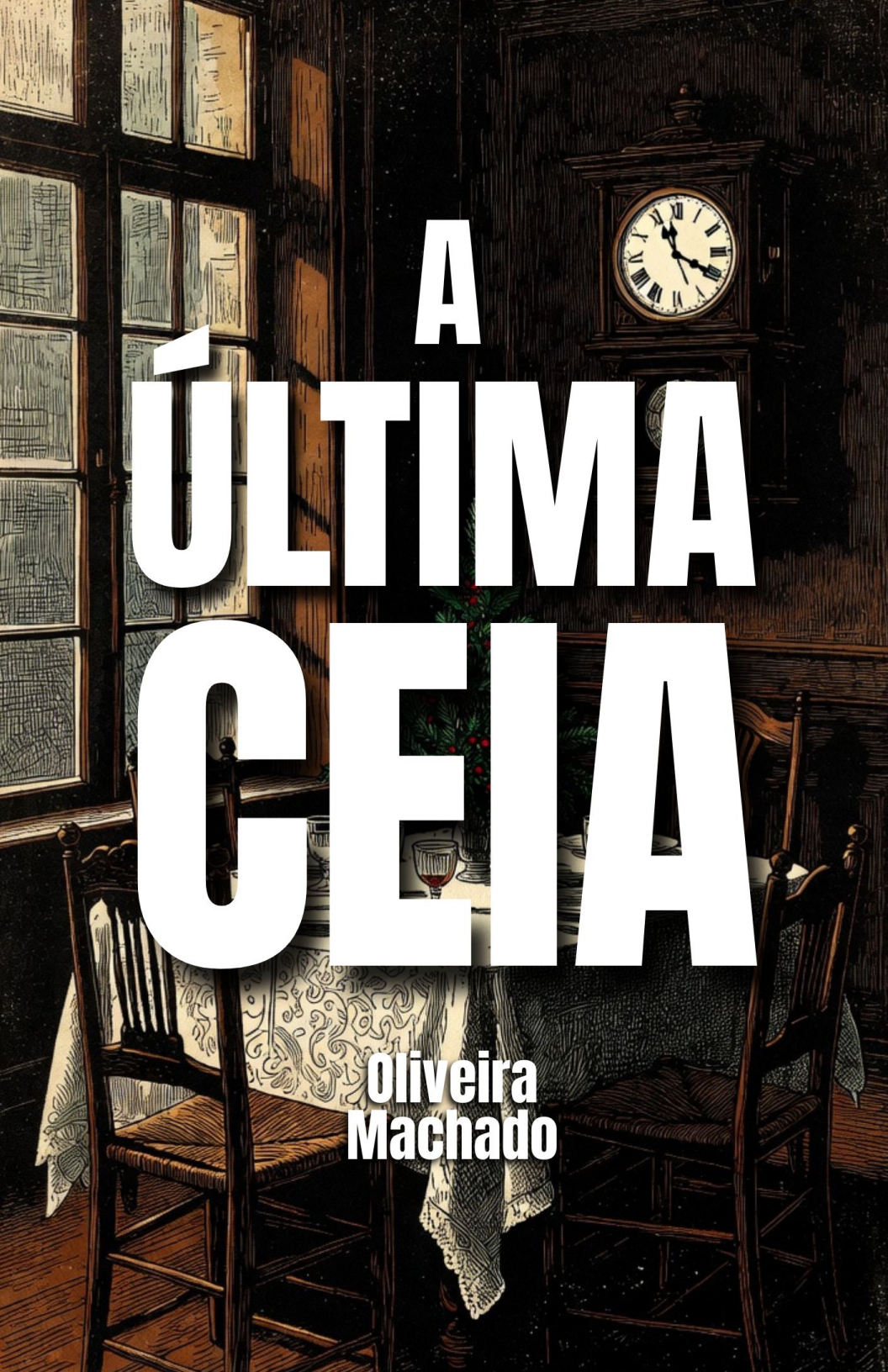




A ÚLTIMA CEIA

Oliveira
Machado

Um
CONTO
de Oliveira Machado
Natal 2025

A Última Ceia

Quando a porta da família Quinn se abriu para receber a filha em seu apartamento simples de classe média no Bom Fim, os pais tinham uma surpresa para ela. Este ano a família se reuniria como nunca havia acontecido antes.

No meio da sala estava uma mulher a princípio desconhecida, junto de uma moça de olhos curiosos que quase não piscam. As duas destoam do entorno. É tia Zuleika, ainda mais gorda do que quando Alice a vira pela última vez, anos atrás, e a filha. Que pelo jeito seguiria os passos da mãe.

Alice não finge a surpresa, um momento depois, assim que as reconhece. Mas finge o sorriso, e as boas vindas. Jamais esperaria encontrá-las na casa de Esther. Jamais. Sobretudo neste Natal. Sorridentes, junto a tio Ambrósio.

Um baque percorreu seu corpo, diante da mulher que a acolheu na juventude. Por anos a julgou, a considerou disciplinadora demais. Na época Alice era apenas uma menina que achava que tinha perdido o pai, e estava assustada e com raiva, na casa de parentes que via pela primeira vez. E reagiu à hostilidade de Moacir, o marido de sua tia. Quando na verdade a mulher que não conse-

guiu proteger os filhos e a si mesma da violência dele, fez isso por ela.

Depois dos abraços e cumprimentos, Alice indaga se a vinda delas é especialmente para o Natal. O que abala o clima caloroso de reencontro.

Zuleika, hesitante, explica que tem compromissos na capital e provavelmente se veriam com mais frequência.

Tio Ambrósio pigarreou. Sua mãe Esther apertou as mãos no avental e voltou para cozinha. O pai sorve da taça de vinho. Algo pairava no ar, enquanto sua tia a enche de elogios. E a aponta como exemplo para a filha ao seu lado, que meneia a cabeça constrangida, mas ainda mantendo um sorriso simpático.

Desde que as reconhecera as mãos começaram a suar, os pés estão formigando. O sofá quase a engolindo. O ar lhe faltando...

Se o corpo foi descoberto, fariam tanto rodeio para contar? A menos que soubessem: foi ela quem o matou. Que lhe arrancou a cabeça.

Deliberadamente não encara ninguém, a não ser Zuleika, por um tempo. Está com medo de encará-los e ser traída pelo desespero em seu olhar. Pergunta, curiosa, o que traria a tia para capital com tanta frequência, sustentando o sorriso com custo. Em sua mente pensava “Eles sabem! Eles sabem! Já estão sabendo! Mas como?”

— Eu estou com câncer Alice. E preciso fazer o tratamento aqui em Porto Alegre pra ter uma

chance... — anuncia Zuleika, derramando lágrimas que não desmancham o sorriso que ela também luta para manter.

Alice processa a informação por alguns instantes. Em seguida está lutando para não manter o sorriso no rosto. Os ombros de Alice cederam e a pressão no peito se esvaiu. A culpa virou uma calma mórbida.

Enquanto pensa no que responder se pergunta se pergunta se todos a olham porque ainda está em silêncio, ou porque sua expressão é ridícula e indecifrável.

Quando finalmente vêm, as palavras saem devagar no começo, como se tivesse que se esforçar para pronunciar cada uma. Não termina de falar e desculpa, dizendo que foi pega de surpresa com a notícia.

Não é só ela que respira aliviada. Por um momento todos pensaram que ela não conseguiria, constrangedoramente, organizar os pensamentos.

Após respirar fundo algumas vezes, escutando sua tia, acompanha os movimentos naturais dos que estão na sala. A filha abraçou a mãe, mais de uma vez, dentre outros gestos de carinho solidário. Seus pais sérios atrás do sofá. O tio cabisbaixo caminha de um lado para o outro. Se movimentam lentamente, enquanto Zuleika segue narrando em detalhes escatológicos, desta vez para Alice, de como descobriu que estava doente.

No fim, Alice ainda não sabe o que dizer. A prima se adianta e pergunta se a tia quer ajuda na cozinha. Ao que Esther aceita, sem deixar de olhar para a filha, com o peso da reprovação que somente as duas reconheciam.

Ultimamente isso não a afetava como antes. Até porque, como sempre teria de adivinhar o que a incomodava desta vez. E era óbvio que tinham um assunto mais importante e delicado sendo tratado.

Observando com pesar tia Zuleika, que secava as lágrimas com o lenço oferecido pelo irmão, pediu ao pai que lhe servisse um pouco do vinho que estavam bebendo.

Mais do que beber, seu pai adora encher o copo das visitas. Para ter companhia. E a saúde funesta da tia seguiu sendo o assunto. Enquanto a porta do forno de fogão abre e fecha, taças e talheres tilintam. Alice ajuda a prima a organizar os pratos na mesa.

A garota está definitivamente dividida entre ficar feliz por estar na capital conhecendo a vida de seus parentes, de Alice, e a tristeza pela possibilidade de morte da mãe. Alice percebeu isso com facilidade. Pensa que se fosse com ela provavelmente se sentiria aliviada. Recrimina seu próprio pensamento, mas no fundo não vê como poderia sentir diferente.

Esther está fritando as rabanadas quando o silêncio triste cai novamente sobre eles. Ao término do longo monólogo.

— Isso teve que acontecer para eu conseguir viver um pouquinho aqui na capital. Espero fazer outras coisas. Sei lá, passear um pouco, visitar uns lugares. Além das sessões de quimioterapia.

Não sabe dos outros, mas ela ficou quieta para não sobrar para si ter de acompanhar a tia para cima e para baixo pela cidade. Ou carregá-la em seus próprios compromissos. Seria tão desagradável se tivesse de incluí-la, ou a prima, em suas noites na Cidade Baixa!

Outra vez recria seus pensamentos. Agora genuinamente incomodada. Os pensamentos dentro de sua cabeça estão cada vez mais parecidos com as palavras que saem da boca de sua mãe. Jamais terá filhos, promete a si mesma, se estiver fadada a se tornar uma cópia de Esther. Não quer ser o inferno da vida de nenhuma criança.

Antes da ceia Zuleika a irmã estão na cozinha, falando mal dos moradores de Paróquia de São Cristóvão, a vila onde nasceram. Zuleika não pretende contar a ninguém sobre sua doença, vai dizer apenas que se mudou.

Alice repara no enrijecimento do maxilar da mãe ao escutar isso. Se pergunta onde tia Zuleika se instalaria na cidade. Certamente sua mãe se fez o mesmo questionamento, pela reação. É de ad-

mirar que o assunto não tenha sido abordado antes.

Zuleika segue falando sem parar. Reclamando de Lucrécia, a professora de Paróquia. Que agora almeja o mesmo reconhecimento que Mafalda tinha como benzedeira. Ouvir isso faz Esther rir.

— Aquele entojó de mulher acha que sabe tudo, de tudo quanto é coisa. Se acha melhor que todo mundo. O estranho é que ela sabe mesmo umas coisas que só a gente... — as duas se olham — Pois é. Mas por mim... Eu é que não quero seguir os passos da mãe. O fim vai chegar de qualquer jeito mesmo. Nenhum de nós vai ficar pra semente. Eu que o diga!

A irmã a repreende, dizendo para ter fé em Deus, que um milagre seria operado na vida dela.

Alice pensa alto, se introduzindo sem querer na conversa. Comenta que acha curioso Lucrécia se interessar por esse tipo de coisa, pois, se bem se lembra de quando teve aulas particulares com ela, a professora era uma mulher pouco crédula. Religiosa, mas pouco crédula.

Zuleika franze o cenho perguntando, um pouco admirada, se Alice consegue lembrar de Paróquia de São Cristóvão. Seus olhos ficam profundos e preocupados ao escutar que a sobrinha lembra de absolutamente tudo do período em que ficou sob seus cuidados.

— Como esqueceria?! Afinal, faz quinze anos que me trato por causa daquele maldito vizinho

de vocês. O velho cigano. Lobisomem filho da puta! — respondeu Alice, ajeitando talheres.

Nem percebe a troca de olhar surpreso entre Zuleika e Catarina. Paradas enquanto a dona da casa leva as rabanadas até a mesa. Pedindo em seguida para a irmã pegar o peru que está no forno, Esther de repente ficou apressada para servir a ceia. Diz que não quer que a comida esfrie.

Na verdade só quer porem de falar sobre aquelas coisas. Sobre aqueles mortos.

A tia trazendo o prato de salada, olha para Alice e lamenta que ela lembre de tudo o que aconteceu e que não lhe admira que precise se tratar até hoje.

— Todos passamos por aquilo né tia. — Alice olha para a prima, que agora está pouco a vontade — A Catarina e ... tudo o que aconteceu. O tio Moacir, acho que foi o único que não se machucou com aquela coisa toda do velho cigano. Não é mesmo?

Existe dor no semblante de Zuleika, consciente de que estão falando sobre os dias em que perdeu seu filho com a garganta dilacerada. Mesmo assim responde:

— Ah não. Ele fez pouco caso, nem quis ir atrás de ti e do Érico. Chegou em casa com a perna rasgada aquela noite. Mas disse que foi os vidros do carro... daquela jornalista que estava por lá.

— Sim, lembro dela.

A forma como a tia falou “Mas disse que foi os vidros do carro...” não era confiante de que o marido tivesse dito a verdade. Deu de ombros quando disse isso.

“Eu nunca fui louca!”, pensa Alice, “eu não matei um homem que humilhou a família, a mim, que espancava a esposa. Eu matei um lobisomem que mataria de novo. Mesmo que ninguém jamais admita isso, eu não sou louca!”

Enquanto a família se põe à mesa Esther acende a vela vermelha no arranjo do centro. É um gesto simples, antes de se sentar.

Mas é isto que desperta em Alice profundo arrependimento por ter deixado de tomar seus medicamentos há algum tempo.

A pequena chama ilumina a mesa toda e seus arredores, jogando as sombras deles nas paredes. Esmaecendo as lâmpadas da casa. Eles continuam se servindo, conversando, como se nada tivesse mudado.

Alice baixa o olhar, tentando disfarçar, se concentra para retomar o ar dos pulmões sem chamar muito a atenção. As sombras tinham descido somente sobre os seus olhos, e de ninguém mais. Ela sabe disso. Pode sentir a escuridão ao redor, como braços invisíveis prestes a agarrá-la pelas costas. Percebe o movimento quase carinhoso das mãos podres do defunto de Moacir envolvendo os ombros da única esposa que teve. Zuleika. Os bra-

ços que emergem da penumbra de um cadáver sem cabeça.

Alice é a última a se servir. Agradecida pelas bocas ocupadas, mastigando, até que Zuleika pergunta porque ela ficou calada de repente. Sem saída ela tece um elogio a comida da mãe, que grita que um milagre de Natal aconteceu. E todos riem. Alice ri. Mas por dentro a garganta está apertada.

Sozinha, em casa, conseguia mantê-los afastados, tinha seus truques. Mas o caso é que isso nunca tinha vindo tão forte. Nunca tão forte na presença de outras pessoas. Seu coração está batendo rápido com o sentimento de pânico vindo a tona. Com a loucura, por tantos anos impedida, prestes a romper o véu bem diante dos seus olhos. Alice sente o desespero subir pela garganta como um gosto ferroso, impossível de engolir.

Alice sente que não vai aguentar.

Passa os olhos pela mesa e desvia rapidamente diante dos irreconhecíveis olhos mortos dos tios. Os de Zuleika a observando fixamente. A pele da mão de tio Ambrósio se desgruda da carne deixando vestígios sobre a toalha. Seu pai é uma casca oca em agonia, boca e olhos engolidos pela escuridão.

A mãe fala qualquer coisa e Alice responde olhando dentro dos seus olhos, para conseguir entender o que ela está dizendo. Para conseguir enxergá-la. As vozes, as conversas, tudo que esta-

va acontecendo depois da vela ser acesa, parece estar ressoando de um outro mundo. De um lugar distante. Como se estivessem mergulhados em águas profundas.

No limiar do que pode ver, olhando para a mãe, está a figura escura se esgueirando como um lagarto pelo teto sobre a mesa. São as garras que sustentam o velho cigano no alto, contrariando a lei da gravidade?

Fantasmas são assim. Nunca se mostram inteiramente. Pelos menos não para ela. Nunca bem diante dos olhos. Nunca na sua frente. Eles se esgueiram pelos cantos, como emoções traiçoeiras. Eles assombram, não revelam. Como Moacir, agora, com as mãos em volta da garganta de Zuleika. Não se mostrando totalmente, revelando somente as mãos que queria por na mulher que foi sua, e deixando o restante morar na penumbra, ser silhueta, se misturar as sombras.

Espíritos não invadem, se insinuam e escorrem por fissuras, até encontrar o que todo mundo procura. Um coração para morar.

Alice se volta para o prato diante da expressão contrariada da mãe. Deve ter respondido algo sem pensar, com certeza. Não deu para prestar atenção em tudo o que ela dizia, sentindo o frio subir pelas pernas, por debaixo do vestido, apesar de estarem em pleno verão e do abafamento do apartamento. Com vultos se pendurando nas fronteiras dos seus olhos.

Tem culpa ardendo em seu coração. Será isso que as almas procuram esta noite. A noite de natal que era para ser uma “noite feliz”?

Será que procuram a culpa dela por ter decapitado Moacir? Por ter finalmente entregue a ele a chance de colocar as mãos em quem ele quisesse, agora que está morto? É por causa dela que ele está levando a morte até Zuleika? O câncer da tia são as mãos do marido morto ao redor de sua garganta. Lhe parece óbvio.

Alice molha os dedos com saliva e apaga a vela diante dela, sob protestos da mãe. Estava lhe atrapalhando a visão, alega. Sem dizer a verdade e sem mentir também.

Quando ergue o olhar a visão medonha dos seres ocultos ao redor deles foi apenas um momento. E estaria tudo normal, não fosse seus pés gelados. E o questionamento: Moacir, pra se vingar, andaria colocando aquelas mãos podres nela também?

Tem acordado tossindo a noite. No banho, sentiu uma fisgada no seio esses dias. As vezes esquecia da presença do velho que morreu no apartamento acima do seu, encostado num canto ao lado da pia. Podia também não perceber a presença de do espírito de Moacir, se fosse discreto o bastante?

Tudo parece normal agora. Mas é só aparência. Seu corpo pode senti-los se colocando entre as pessoas da mesa, querendo chegar o mais próxi-

mo possível. Eles gostam da comida, sentem o cheiro, anseiam sentir o gosto que somente vivos podem.

— Esses dias a andaram perguntando por esse diabo. Achavam que estava lá em casa, quiseram até entrar. A polícia. — Zuleika responde a um comentário qualquer sobre Moacir feito a mesa.

O coração de Alice acelerado pela visão recente do cerco espectral a mesa onde a família ceava, parou. O medo material da prisão traz um pânico que se sobrepõe, como uma mão gelada subindo por suas costas. A respiração falha. "Eles sabem.! Eles sabem! Porque tia Zuleika não para de me olhar."

— Localizaram ele?! — a voz de Alice sai rouca, quase um sussurro que ninguém deveria ter ouvido.

— Na minha casa não.

Claro que não estava na casa dela, Alice pensa. Estava no inferno, e ela o mandara para lá.

— Mas depois? Não tiveram mais notícias? O que a polícia queria com ele? — Alice tenta soar apenas interessada, mas a garganta está seca. Não quer notícias dele, só precisa de elementos para criar um álibi. Seus olhos esquadrinham o pai, a mãe, o tio. Estava lendo algo no rosto deles?

— Não quero nem saber! — a tia conclui, ignorando a cabeça baixa da filha ao seu lado. — Meu deus, que cheiro é esse?!

Fedor de carne podre, Alice identificou imediatamente: era ele.

"Se a enxurrada não o levou longe o bastante, vão encontrá-lo. Se encontrarem a cabeça talvez o identifiquem. E se chegarem até mim? Eu estava lá no dia em que ele desapareceu... Ele anda cada vez mais perto de mim."

Esther se desculpa, envergonhada, atribuindo o cheiro ao esgoto. Devido ao calor os gases subiam pelos canos. Alice suspeita que ele pode querer envolvê-la e matá-la lentamente de câncer também. Como está fazendo com Zuleika.

Zuleika diz para a irmã que o mesmo acontecia em sua casa por esta época, o cheiro da fossa. As duas colocam chumaços de papel nos ralos da cozinha, para estancar o mau cheiro.

Depois de um tempo, Alice remexe a comida, inquieta, esperando o cheiro passar, e pensa não ser adequado, tentar consolar a prima dizendo que sabe como ela se sente. Seria perverso falar isso para a filha do homem que ela matou.

Come mais um pouco. E observa refletida no vidro do antigo relógio alemão de parede acima deles a cena daquele momento inédito e único. Que jamais se repetiria. Algo lhe diz que todos naquela mesa estarão mortos no próximo Natal.

E agora que esta vendo a si mesma entre eles, decide que aquela vela vermelha sobre a mesa não deve ser acesa novamente.

Este é um fragmento do novo projeto de
Oliveira Machado, autor de Coxilha do
Lobisomem.